

*Clarice Lispector*

# TODAS AS CARTAS

Prefácio e notas bibliográficas  
TERESA MONTERO

Posfácio  
PEDRO KARP VASQUEZ

Pesquisa textual e transcrição das cartas  
LARISSA VAZ

**ROCCO|HIA**

## *Todas as cartas: Lição para viver*

Quando a Editora Rocco publicou *Correspondências* (2002) e *Minhas queridas* (2007), os dois volumes de cartas de Clarice Lispector que compõem a trilogia iniciada com *Cartas perto do coração* (Record, 2001), organizado por Fernando Sabino, houve uma acolhida entusiasmada por parte dos leitores e do meio acadêmico.

Não nos parece um acaso o *boom* clariceano no século XXI no meio editorial, acadêmico, cinematográfico e teatral. Certamente, as cartas cumpriram um papel propulsor incomensurável. Entre 2005 e 2016, oito dissertações e três livros (uma biografia, uma fotobiografia e um ensaio) consideraram as correspondências como fonte norteadora e indispensável; sem contar as centenas de artigos que as utilizaram como fonte secundária. Estas publicações ora buscaram os caminhos específicos da criação literária, ora delinearam os primeiros vinte anos da trajetória de Clarice Lispector.

*Todas as cartas* inaugura uma nova etapa na bibliografia clariceana ao trazer um conjunto de praticamente meia centena de cartas inéditas que abordam temas da mais alta relevância de seu itinerário literário e biográfico. Por isso, sua publicação, justamente no centenário da escritora, tem um significado especial para leitores, professores, biógrafos, pesquisadores, editores e arquivos literários. *Todas as cartas* ratifica o fortalecimento do diálogo entre os três últimos e mostra o novo patamar que os arquivos literários atingiram. Quem não se lembra do modo como se dava o acesso aos arquivos nos anos 1990? O de Clarice Lispector, por exemplo, no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, na Fundação Casa de Rui Barbosa, ainda não tinha sido digitalizado; as facilidades das consultas online existentes hoje eram impensáveis naquela época.

Pesquisadora de uma nova era, a digital, Larissa Vaz pesquisou o material inédito de *Todas as cartas* em arquivos públicos e privados;

incluindo o lote de correspondências inéditas de Clarice Lispector para as irmãs Elisa Lispector e Tania Kaufmann que estão sob a guarda da família. Sobre o novo cenário para os pesquisadores, ela comenta: “houve uma simplificação no processo de pesquisa com a chegada de softwares que facilitam não só o acesso livre e gratuito a estas bases de dados, mas também tornam mais simples a experiência de navegar por este mar de dados. Atualmente, grande parte das instituições possibilita a realização de buscas pela internet, em plataformas digitais às quais o pesquisador é direcionado a partir do site oficial da instituição. Mecanismos de busca avançados permitem que o pesquisador acrescente filtros em seu levantamento de acordo com seu interesse. No entanto, muitas vezes a consulta ao documento se dá apenas presencialmente, no acervo físico. Nestas ocasiões, o pesquisador é orientado por um profissional da instituição.”

Sem dúvida, a musealização dos arquivos literários nos últimos trinta anos possibilitou não só a preservação de nossa memória literária como estimulou publicações como *Todas as cartas*. É importante destacar que a consolidação do diálogo entre o mercado editorial, os arquivos literários e o meio acadêmico se deve também à presença da família de Clarice Lispector acompanhando de perto e amorosamente a realização de cada projeto. É imperioso dizer que essa aliança não pode prescindir da parceria do Poder Público. Ele deve continuar acreditando no papel das instituições guardiãs do legado literário, destinando-lhes uma dotação orçamentária adequada. A ausência dessa parceria põe em risco a sobrevivência deste circuito das Letras com significado único na cultura brasileira.

Seguindo a proposta do organizador de *Todas as cartas*, Pedro Karp Vasquez, para reunir o conjunto de correspondências de acordo com o critério cronológico, as notas deste volume dão uma visão sucinta do itinerário literário e biográfico de Clarice Lispector e, quando necessário, do contexto histórico onde a escritora se inseriu. Sabemos, por exemplo, que a vida particular de Clarice Lispector foi pontuada por momentos importantes da história política da Europa, onde ela viveu em plena Segunda Guerra Mundial e pôde exercitar seu instinto solidário junto aos nossos pracinhas, o mesmo que a levou a optar pela faculdade de Direito num tempo em que essa escolha era uma preferência dos homens.



Redigimos as notas de um conjunto de duzentas e oitenta e quatro cartas endereçadas a três núcleos de destinatários: familiares, amigos escritores e editores. Foram três lotes de cartas, as publicadas nos volumes que organizamos: *Correspondências* e *Minhas queridas*, somadas às de *Cartas perto do coração*, organizado por Fernando Sabino. Novas notas foram redigidas e uma parte reescrita para atender aos critérios da organização de *Todas as cartas*. A esses três lotes foram acrescentadas cerca de meia centena de cartas inéditas em livros de correspondência de Clarice Lispector, considerando uma parte ínfima publicada em revistas e livros de outros autores.

Gostaria de comentar, em linhas gerais, o ponto alto de *Todas as cartas*: o conjunto de correspondências inéditas endereçadas aos amigos escritores. Nesse sentido, acompanhamos o diálogo de Clarice Lispector com seu conterrâneo, o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. Se já conhecíamos o quanto fora importante a amizade de Lúcio Cardoso e Fernando Sabino, nas nove cartas trocadas com João Cabral nos é revelado como Clarice Lispector se colocava em seu ofício de escritora. O poeta acumula vários papéis nessa relação: por exemplo, desperta na amiga o desejo de ver sua única peça teatral, ainda em estado embrionário, editada em sua prensa manual. “O coro dos anjos” é comentado por ambos, mas não chega às mãos de Cabral. No entanto, é o estímulo e a confiança que lhe deposita que levam Clarice a não ficar tão “sepultada entre as montanhas”, como ela escreveu, e abrir os olhos para outras paisagens. O entusiasmo com que ela reagiu às cartas de João Cabral é comovente, traço da pernambucanidade que os uniu.

Ela se interessa em conhecer as obras do poeta. João Cabral foi interlocutor em um momento no qual Clarice se colocava muitas questões (“vontade de achar uma vontade filosófica”, disse ela). Aquelas reflexões sobre a criação literária nos ajudam a entender como a escritora foi construindo seu caminho, não de uma forma solitária, apesar da distância geográfica, ou movida somente pelo estado da inspiração, mas no diálogo com os amigos e nas leituras das obras que fizeram parte de sua formação literária. “Cada vez mais acho, como você, que romance não é literatura”, provoca Clarice. “Era preciso fazer uma coisa nova, João Cabral, não a bem da literatura, a bem da vida, era preciso espiar de outro modo, era preciso adivinhar mais.” Esse diálogo a fez afirmar: “Saio de sua poesia

com um sentimento de aprofundamento da vida.”

Outro destinatário a destacar é Rubem Braga. Já são conhecidas suas cartas enviadas para Clarice, mas ler agora as sete redigidas por ela atestam o quanto o cronista era admirado pela jovem leitora desde o tempo em que “recortava seus artigos nas revistas”, como ela lhe confessou: “tudo o que você escreve me emociona muito.” Esse diálogo entre amigos escritores é sempre revelador, principalmente quando Clarice Lispector menciona um fato de seu cotidiano envolvendo outro escritor. Nos detalhes de uma carta podem-se enxergar novas formas de entender o universo cultural que a interessava: “Conheci num jantar um homem da National Gallery, muito interessante, amigo de Ezra Pound e do Saint-John Perse. Diz que Pound está com uma maravilhosa tradução de Confúcio pronta para ser publicada.” A menção ao livro do filósofo chinês que enfatizava a necessidade do homem conhecer-se primeiro a si mesmo é uma das muitas preciosidades das cartas ao autor de *A borboleta amarela*.

Ainda no núcleo dos literatos flagramos nas cartas a Mário de Andrade, Tasso da Silveira, Francisco de Assis Barbosa, Natércia Freire, Lauro Escorel e Sérgio Milliet o momento em que a escritora iniciante tinha necessidade de entender como se dava a criação e a recepção de sua obra, na realidade, caminhos para buscar sua própria essência. Nesse sentido, a opinião de Mário de Andrade teria um significado especial (“acostumei-me de tal forma a me acostumar com o senhor”); idem a do companheiro de redação em *A Noite*, Francisco de Assis Barbosa, bem como a de interlocutores como o poeta Tasso da Silveira cuja maturidade e poesia eram uma “lufada de vento fresco” em sua juventude cheia de conflitos e descobertas. Segue pela mesma necessidade a insistência em não perder contato com o antropólogo e psiquiatra Arthur Ramos. Revela o quanto ela prezava o convívio com homens devotados a grandes causas, a favor de uma sociedade brasileira democrática e libertária.

Um presente para os leitores é o bilhete profético redigido em 1977 para a escritora Lygia Fagundes Telles. Clarice Lispector mostra seu pensamento sobre o papel das mulheres escritoras em um mundo literário dominado pelos homens e como elas atuaram como desbravadoras. Outra demonstração do olhar atento às particularidades do universo literário é o seu bilhete aberto ao crítico Edgar Pereira, em 1975, para alertá-lo de que



nem sempre as entrevistas que ela concede retratam seu pensamento de forma fidedigna. Nesse sentido esclarece: “Refiro-me à afirmativa de que eu teria dito que, quando escrevo, caio em transe ou coisa semelhante. Eu não disse isto porque simplesmente não é verdade.”

Igualmente reveste-se de importância as cartas de jovens escritores que buscaram o aval de Clarice Lispector em seus primeiros passos no mundo literário, sua conhecida generosidade para ajudar os colegas de ofício e de outros campos artísticos é um fato merecedor de mais atenção. É o caso de Mora Fuentes, que já vinha dialogando intensamente com a escritora Hilda Hilst na lendária Casa do Sol, em Campinas, um ponto de encontro de artistas de várias gerações.

Na correspondência com o jovem escritor pernambucano Augusto Ferraz, prestes a lançar o primeiro livro, se revela como Clarice foi estimulada a fazer se não a mais marcante viagem de sua vida, certamente uma das mais marcantes. É recente a revelação dessa história descoberta pela cineasta pernambucana Taciana Oliveira quando pesquisava para elaborar o roteiro de seu filme *A descoberta do mundo* (2015), documentário que apresentou em primeira mão trechos desta correspondência e o depoimento de Augusto Ferraz. Sem sombra de dúvida, é outro grande momento de *Todas as cartas* e suscita novas leituras sobre a passagem de Clarice Lispector por Recife em maio de 1976. Uma viagem ao encontro de suas origens nordestinas, inspiradora de seu último romance *A hora da estrela*.

De grande destaque é também o núcleo familiar. Reunidas pela primeira vez as cento e cinquenta cartas para as irmãs Lispector, sendo dezesseis inéditas (cento e vinte foram enfeixadas em *Minhas queridas* e doze em *Correspondências*), temos uma visão panorâmica da importância deste núcleo afetivo que deu o suporte necessário para Clarice Lispector viver a primeira fase de sua vida. A influência das irmãs vai além do papel de conselheiras e confidentes nas questões da vida matrimonial e da maternidade, colaboraram na formação de seus gostos (não nos esqueçamos que Clarice era a caçula): do modelo do vestido para uma recepção no consulado ao hábito de ir a concertos de música clássica ou ouvi-las pelo rádio; além das idas ao cinema, hábito que adquirira com Elisa na Cinelândia. As leituras são sempre comentadas, em especial com a irmã mais velha. Simone de Beauvoir, por exemplo, é uma influência de

Elisa.

Salta aos olhos o amplo repertório de peças, filmes, exposições, concertos e livros citados nas cartas, demonstrando o quanto Clarice Lispector acompanhou o repertório cultural nos territórios brasileiro, europeu e norte-americano entre as décadas de 1940 e 1950. Só para citar dois campos, no literário aparecem nomes como o de Jean Cocteau, Simone de Beauvoir, Nelson Rodrigues, Rosamond Lehmann, Katherine Mansfield, João Cabral de Melo Neto, Julien Green, Emily Brontë, Jean-Paul Sartre, D. H. Lawrence, Vinicius de Moraes, Dinah Silveira de Queiroz, Guimarães Rosa e a estreante Ruth Guimarães. Nas artes plásticas, temos Zina Aita, Leonor Fini, Van Gogh, Alfredo Ceschiatti e Aloísio Magalhães.

Vale, também, conferir a sua correspondência com o núcleo dos editores, um campo aberto para estudos, nele revelam-se os bastidores da edição de algumas obras. Das tensões da tradução de seu primeiro romance em francês às negociações que Clarice Lispector empreendeu (sempre com a ajuda de amigos) para publicar *Laços de família* e *A maçã no escuro*.

A existência de grande parte desta correspondência deve-se à história do casamento entre a literatura e a carreira diplomática, portanto, são dignas de registro as cartas para o então namorado Maury Gurgel Valente que sinalizam a complexidade da vida a dois, selada depois com o casamento; uma etapa narrada em fragmentos nas inúmeras cartas endereçadas às irmãs.

Nesse “primeiro destino” de Clarice Lispector, assim ela o nomeia ao escrever para a escritora portuguesa Natércia Freire, em 27 de agosto de 1945, dois jovens, Maury e Clarice, não resistem ao “desenraizamento dessa vida no estrangeiro”: “viajar como eu viajei é ruim: é cumprir pena em vários lugares. As impressões, depois de um ano num lugar, terminam matando as primeiras impressões. No fim a pessoa fica ‘cultá’. Mas não é o meu gênero. A ignorância nunca me fez mal.”

É que para Clarice Lispector “não existem lugares, existem pessoas”, confessa às suas irmãs. A escritora tenta caber no seu destino de mulher, conciliar as tarefas domésticas, os compromissos diplomáticos e a maternidade. Ela quis sempre conciliar a mãe e a escritora. *Todas as cartas* é também o testemunho de uma mulher que rompeu fronteiras de



diversas naturezas em um mundo feito pelos homens.

A publicação de *Todas as cartas* no centenário de Clarice Lispector nos leva inevitavelmente a várias perguntas. O que significa celebrar os cem anos de uma escritora no Brasil em pleno século XXI?

*Lição para viver*, título que Clarice Lispector sugeriu para o romance do jovem escritor pernambucano Augusto Ferraz, poderia ser o outro título deste volume. É que nele temos a oportunidade de acompanhar quatro décadas do itinerário da escritora cuja sensibilidade rara fala aos seus destinatários sobre todos os ângulos da vida. As angústias que acompanharam a penosa formação de uma jovem que abraça o destino de ser uma escritora. A de ser mulher em um tempo no qual os caminhos do universo feminino eram extremamente áridos: a Academia Brasileira de Letras, por exemplo, ainda não ousava mudar seus estatutos para permitir o ingresso das mulheres.

Clarice mostra-se sempre sensível e aberta para respeitar aquilo que nos é mais caro: a nossa essência. Por isso, aconselha a irmã Tania a não impedir Marcia, sua sobrinha, de desenvolver suas habilidades artísticas, a deixar aflorar o desejo de experimentar os caminhos da dança, caso seja o chamado de uma vocação.

Clarice não entende a vida sem o pleno exercício da própria essência.

*Lição para viver* poderia ser também quando ela usa sua vida como parâmetro para convencer irmãs e amigos de que certos comportamentos são nefastos, emperram nossa caminhada neste mundo. Coisas como não se permitir o descanso sagrado das férias ou renunciar aos desejos mais íntimos para não descumprir com os deveres esperados pela sociedade, o de ser uma mãe modelo.

Quando aponta a necessidade da ética como norteadora de nosso comportamento, Clarice Lispector demonstra-se indignada ao ser posta à prova diante de tal situação. É emblemático o caso da suposta distribuição do romance *O lustre*, que seria feita ao corpo diplomático pelo Itamaraty: “isso nos deixou mortos de vergonha”, relatou indignada à Tania.

Nessa mesma linha, revela o cuidado extremo e os limites que se deve ter com o que ela chama de “ambiente palaciano”. Clarice Lispector faz questão de mostrar seu olhar nada interesseiro quando se trata de escolher suas amizades, inclusive se a amiga for a filha de um ex-presidente da República; como é comentado no episódio sobre Alzira Vargas: “só me



sinto bem em dar amizade com independência e em dar gratuitamente.”

No âmbito dos afetos, Clarice é só carinho com as irmãs, com os cunhados Eliane e Mozart, e com os filhos Pedro e Paulo. Lúcida e generosa quando avalia a vida matrimonial e a maternidade. Seu afeto é quente e solidário quando se dirige aos amigos, a maioria escritores, Fernando Sabino, Lúcio Cardoso, João Cabral de Melo Neto, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Murilo Rubião, Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Marly de Oliveira, Lêdo Ivo, Natércia Freire, Alzira Vargas e Arthur Ramos. Ela entende que a literatura não é onde se colecionam prêmios e notas nos jornais. Literatura é território de aprendizagem e conhecimento da vida.

Essa profusão de momentos registrados à máquina ou à caneta sobreviveram noventa anos, sinal do fortalecimento do triângulo literário formado por editores, pesquisadores e arquivos literários. Sua história é longa e merece ser contada, mesmo de uma forma breve; afinal de contas, é a celebração de um centenário.

Quando as correspondências de Clarice Lispector passaram a atrair os leitores e o mundo acadêmico?

Refletir sobre a construção do campo das correspondências clariceanas nos remete à história do modernismo brasileiro e ao escritor Mário de Andrade. Ele foi o principal polo irradiador de cartas como um canal de comunicação entre os escritores, particularmente com aqueles que consideravam os seus conselhos e comentários uma espécie de bênção para ser entronizado no mundo da literatura. A própria Clarice Lispector não ignorou tal fato e tentou esse diálogo, mas somente Mário de Andrade leu a carta de Clarice.

Fernando Sabino demonstrou-se inconformado, pois segundo Mário de Andrade lhe dissera, sua carta foi endereçada à Clarice ao Central Hotel, em Belém do Pará, onde ela residiu em 1944. “Eu delirava se pudesse te dar essa alegria.” Fernando Sabino escreveu isso porque sabia o quanto significou ser um dos inúmeros interlocutores do autor de *Pauliceia desvairada* como Murilo Miranda, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Fernando Sabino foi estimulado pelo canal epistolar de seu mestre Mário de Andrade? Há muitas evidências.

A abertura do baú de cartas de Fernando Sabino deu-se nos seus três

últimos anos de vida, ele viria a falecer em 11 de outubro de 2004. A proximidade da “indesejada das gentes”, como dizia Manuel Bandeira, pode ter sido o sinal para o escritor editar em sequência três obras. Após *Cartas perto do coração*, publicação de sua correspondência com Clarice Lispector, em 2001, seguiu-se *Cartas na mesa* (Record, 2002), com os amigos Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos e, por último, a sua correspondência com Mário de Andrade: *Cartas a um jovem escritor e suas respostas* (Record, 1ª ed. 1982, 2003).

A iniciativa do autor de *O encontro marcado* (1956) teve uma repercussão extraordinária. Em seguida, o volume *Correspondências* (2002) trouxe mais uma série de cento e vinte e nove cartas, das quais setenta oriundas da correspondência ativa de Clarice Lispector, endereçadas aos amigos escritores, artistas e familiares.

*Minhas queridas* (2007) compôs a trilogia das cartas de Clarice Lispector e permitiu um delineamento mais preciso, particularmente dos primeiros vinte anos de sua trajetória literária entre os anos 1940 e 1950. As cento e vinte cartas possibilitaram acompanhar de uma forma contínua seus passos em território brasileiro e estrangeiro através de seus relatos às irmãs Tania Kaufmann e Elisa Lispector. A maior parte da correspondência ativa de Clarice é com suas irmãs porque foi com elas que a escritora mais dialogou durante os quase dezesseis anos em que residiu fora do Rio de Janeiro, vivendo nas cidades de Belém, Nápoles, Berna, Torquay e Washington.

Quatro anos após o falecimento de Clarice Lispector, Olga Borelli publicou *Clarice Lispector. Esboço para um possível retrato* (1981). Mais do que uma amiga, ela acompanhou de perto a preparação dos últimos livros da escritora. No entanto, este não é um livro de correspondências, mas um relato de uma amiga entremeado com trechos inéditos de Clarice de onde se constrói sua “trajetória espiritual”, para usar as palavras de Borelli; mas que inseriu ao final vinte e nove cartas, além de trechos, não datados, de várias outras.

O pioneirismo desse livro despertou o interesse pelos manuscritos e correspondências da escritora. Ele foi publicado pela Nova Fronteira, sob a coordenação do editor Pedro Paulo de Sena Madureira, amigo de Clarice, editora que passou a publicar as suas obras naquele período, começando pela inédita *Um sopro de vida* (1978). Em seguida, uma jovem



de vinte e cinco anos de idade, Claire Varin, da Universidade de Montreal, decidiu conhecer o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, em janeiro de 1983, com o intuito de pesquisar material para a sua tese de doutorado.

Segundo Eliane Vasconcelos, organizadora do inventário do Arquivo Clarice Lispector, do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, a família de Clarice Lispector doou o material que constitui este fundo documental em três lotes, o primeiro em 1º de fevereiro de 1978; e o segundo, alguns anos depois. Numa terceira etapa, doou livros da biblioteca da escritora. Como nos informa o “Inventário do Arquivo Clarice Lispector” (1993): em setembro de 1987 foi a data de abertura à consulta de 697 documentos manuscritos e datilografados (onde se encontra a correspondência) e 1.466 documentos impressos (recortes de jornais, folhetos).

Claire Varin teve acesso ao arquivo da escritora antes mesmo de ele ser aberto à consulta. O resultado foram duas obras que exibiram de forma pioneira uma parte expressiva de vários itens do Arquivo Clarice Lispector, incluindo a correspondência: *Rencontres bresiliennes* (Trois, 1987) e *Langues de feu* (Trois, 1990), esta última uma compilação de sua tese de doutorado defendida em 1986; inclusive já traduzido no Brasil por Lúcia Peixoto Cherem sob o título *Línguas de fogo* (Edições Lumiar, 2002).

Algumas publicações no Brasil dedicadas à Clarice Lispector nesse período também mostraram alguns itens do arquivo, especialmente a edição crítica de *A paixão segundo G.H.*, coordenada por Benedito Nunes (Archives – Unesco, 1988) e a revista *Remate de Males* nº 9 (Unicamp, 1989) organizada por Berta Waldman e Vilma Arêas.

Dentro desse contexto, dois projetos tiveram um papel significativo para expor o acervo literário (incluindo a correspondência) para o grande público: *Perto de Clarice* organizado pela Oficina Literária Afrânio Coutinho com a colaboração da Fundação Casa de Rui Barbosa, realizado na Casa de Cultura Laura Alvim, então dirigida por Lygia Marina de Moraes, esposa de Fernando Sabino, entre novembro e dezembro de 1987. E “A paixão segundo Clarice Lispector”, idealizado por Ilse Rodrigues e Lícia Manzo, com curadoria de Gisela Magalhães. Ficou em cartaz no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB-RJ) de 25 de

novembro a 20 de dezembro de 1992.

*Perto de Clarice* teve o mérito de expor pela primeira vez itens do Arquivo Clarice Lispector como fotos, edições de suas obras e sua máquina de escrever. A proposta de “A paixão segundo Clarice Lispector” o ampliou com novas peças desse arquivo, até porque dispunha de um espaço mais amplo e de uma exposição de longa duração, inclusive prorrogada devido ao sucesso de público. O poeta Affonso Romano de Sant’Anna, então diretor da Biblioteca Nacional, motivado por essa exposição propôs à Tania Kaufmann doar parte da correspondência de sua irmã, pois ele desejava publicar uma edição não comercial das cartas na Coleção Letra Viva. (Cf. *Jornal do Brasil* 21/1/1994.) A publicação não se concretizou, porém Tania doou, em 1993, doze cartas ao Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, aquelas que haviam sido publicadas em parte ou na íntegra no livro de Olga Borelli.

A partir de 14 de julho de 2004, o Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, começou a receber, por etapas, a outra parte do Arquivo de Clarice Lispector para guarda e conservação. Entre os itens constam as correspondências trocadas entre Clarice Lispector e Maury Gurgel Valente, publicadas em *Correspondências* (2002), e aquelas endereçadas às irmãs Lispector, reunidas em *Minhas queridas* (2007).

A preservação do legado de Clarice Lispector é feita por muitas mãos. Não há protagonistas. Acreditando na perpetuação dessa aliança citamos o trecho de uma carta de Clarice endereçada às irmãs quando ela confessou como se sentia vivendo em tempos de guerra. Evocamos essas palavras, hoje, no ano de seu centenário, porque vivemos também em tempos de guerra, em um mundo paralisado por um vírus, que nos faz questionar o que estamos fazendo com o planeta Terra:

“O que tem me perturbado intimamente é que as coisas do mundo chegaram para mim a um certo ponto em que eu tenho que saber como encará-las, quero dizer, a situação da guerra, a situação das pessoas, essas tragédias. Sempre encarei com revolta. Mas ao mesmo tempo sinto necessidade de fazer alguma coisa, sinto que não tenho meios. Você diria que eu tenho, através do meu trabalho. Eu tenho pensado muito nisso e não vejo caminho, quer dizer, um caminho verdadeiro.”

*Todas as cartas* é um caminho para renovar nosso afeto com o mundo através de Clarice Lispector.



O que Clarice diria sobre o que estamos vivendo em 2020? E por que no ano de seu centenário?

TERESA MONTERO

# DÉCADA DE 1940



[A Elisa Lispector]<sup>[1]</sup>

17 maio 1940

Querida Elizinha:

Recebemos finalmente hoje a sua carta, hoje sexta-feira. “Finalmente” porque eu estou sentindo tanto sua falta em casa, que terça-feira já esperava pelo correio. Você indo embora a casa ficou muito vazia e eu muito sozinha. Espero somente que tudo isso se justifique com o melhor aproveitamento possível de sua estadia aqui.

Pretendo ir aí no sábado. Ou talvez no outro ainda, porque há um baile e há a probabilidade em 3 milhões de que eu vá: não tenho vestido (queria fazer uma saia comprida de veludo e uma blusa de renda, mas o custo é imenso). Recebi na segunda-feira 281\$200 na redação concernente a traduções antigas.<sup>[2]</sup> Mas entre as qualidades do dinheiro não está a elasticidade...

Elisa, tem outros hóspedes aí? Só queria. Olhe, bichinha, você tem sempre sorte com o número 13, as viagens, são três, para Teresópolis, eram em cadeiras 13 etc., não é? Pois bem, você viajou no dia 13. E papai notando isso disse que no concerto de Yascha Heifetz<sup>[3]</sup> sua cadeira era nº 13! Vou ver se lhe arranjo um balangandã nº 13.

Elisa, você tem por aí perto uma farmácia, para que lhe deem injeção?

Por favor, escreva mais um pouco: sou eu quem pede e Tania, para quem eu li sua carta. Papai não está, por isso não se manifesta. Escreva mais detalhes: lembre-se que não sabemos absolutamente nada de sua vida aí. Tem trabalhado muito em Juiz de Fora. Cuidado com uma *surménage*.<sup>[4]</sup>

Minha filhinha, seja feliz. Não me desaponte. E escreva logo que receber esta, no mesmo dia.

Tania não manda muitos recados, diz que lhe escreverá. Manda mil

abraços e lembranças.  
Um grande abraço de sua

Clarice

P.S. Não fique nervosa se não puder entender a letra. Conte até 10, dê uma volta pelo jardim e volte à tarefa com o espírito de sacrifício cristão.

---

1 Clarice tinha 19 anos, morava com o pai, Pedro, e a irmã Elisa. Tania se casara e morava no Catete.

2 Clarice trabalhava como repórter e tradutora na Agência Nacional. A tradução de “O missionário”, de Claude Ferrère, foi publicada em 6 de fevereiro de 1941 na revista *Vamos Lêr!* (Cf. CLJ).

3 O violinista Yascha Heifetz tocou em Recife quando Clarice morava naquela cidade.

4 Estafa.

[A Elisa Lispector]

22 maio 1940

Querida Elisa:<sup>[5]</sup>

Não posso verdadeiramente entender por que você não escreve. Francamente: custa muito um dia sim e outro não (alternados) escrever um bilhetinho? Já não peço que você conte novidades, nem escreva um jornal de Miguel Pereira.<sup>[6]</sup> Mas apenas: notícias! Entendo que aí não há telefone, que você está longe, e que nós ansiamos por notícias suas.

Queremos saber até minúcias, se a comida é boa, se o ambiente é agradável, se você se sente bem disposta. Tudo, tudo.

Nós vamos bem. Quanto à Marcia não vai bem: vai ótima! Está uma linda bolinha cor-de-rosa. Ainda há pouco telefonei pra Tania, que não pôde atender, porque estava acabando de enxugar a srta. Marcia, recém-vinda de seu perfumado banho.

Papai está muito bem, felizmente. Ele foi fazer a tubagem e como se surpreendesse do líquido da vesícula sair de cor diferente da das outras vezes, o médico lhe explicou que a diferença era favorável: a vesícula agora está funcionando. Ele continuará o tratamento, fará os preparos necessários e irá em breve ao médico.<sup>[7]</sup>

Eu vou sábado à noite ao baile. Uma tortura encontrar a fazenda. Mas, enfim... deveres sociais! (Ah! Ah!)

Edith vai passar uma semana em Friburgo; a mãe está doente. Se arranjar quem fique no lugar dela, bem; se não arranjar, é o jeito. Vou comer na cidade, mas agora sem você, para fazer uma farra de cinemas depois.<sup>[8]</sup>

Elisa, o conto que eu apresentei pro *Pan*<sup>[9]</sup>... vai ser publicado. Ou o homem está louco ou sou eu quem está.

Você tem lido, tem descansado, tem comido, tem dormido, tem escrito, tem passeado, tem engordado? Só má vontade de sua parte



impede que você escreva. Por favor, bichinha, escreva sempre, sempre. É pau não ter notícias suas. Estou aqui muito sozinha (“nesse enorme casarão”, acrescentaria uma personagem romântica de Delly)<sup>[10]</sup> em

---

5 Carta incompleta.

6 Miguel Pereira é um município do Estado do Rio de Janeiro, localizado no centro-sul fluminense. Considerado o terceiro melhor clima do mundo.

7 Em 26 de agosto de 1940, Pedro Lispector faleceu durante uma operação de vesícula. Tania Kaufmann desconfia que houve erro médico, pois este não explicou o motivo pelo qual o paciente veio a óbito.

8 Na época, os cinemas da cidade eram os da Cinelândia, como: Pax, Capitólio, Pathé, Cine Palácio, Metro-Passeio e Plaza, entre outros. Clarice era frequentadora assídua deste canto do Centro.

9 Clarice está se referindo ao conto “Triunfo”, o primeiro de sua autoria publicado na revista *Pan*, nº 227, em 25 de maio de 1940 (Cf. OE, pp. 11-13).

10 Clarice relata em entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som, que lia “livros de moça” de Delly, por exemplo, na biblioteca de aluguel da rua Rodrigo Silva, no Centro da cidade (Cf. OE, p. 143). M. Delly é o pseudônimo de um casal de irmãos franceses que escreveram romances populares na linha da literatura cor-de-rosa, consumidos por jovens leitoras. A vida das mocinhas era narrada numa atmosfera de fantasia onde não faltavam cenários exóticos, personagens belos e ricos e uma história de amor com direito a um final feliz. Autores do maior número de títulos da Coleção Biblioteca das Moças, editados no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960 pela Companhia Editora Nacional (SP). Destacam-se entre os 35 mais vendidos os títulos: *Freirinha* (1947) e *Meu vestido cor do céu* (1960).

[*A Elisa Lispector*]

(Rio de Janeiro, sem data, década de 1940)

Tania lhe escreveu há dias.<sup>[11]</sup>

Elisa, pense que essas férias são a “grande oportunidade”. Viva como viveria uma princesa, isto é, sem cuidados, sem preocupações. Durma ou pelo menos se deite depois do almoço. Dê um pequeno passeio de manhã. E seja feliz e descansada. Lembre-se do “tranquilismo de Lin-Yutang”.<sup>[12]</sup> “Não fazer nada” é uma das ocupações mais produtivas do homem.

Até logo, bichinha. Se eu não receber carta sua, vou aí buscar.  
Um grande abraço de

Clarice

Papai manda lembranças e saudades.

36 B c 3... (gostou?)<sup>[13]</sup>

---

11 Carta incompleta e sem data. Tudo indica que tenha sido escrita no Rio de Janeiro por volta de maio de 1940.

12 Lin Yutang (1896-1976), filósofo chinês, autor de *A importância de viver* (1937).

13 É o endereço da casa de Clarice na Tijuca: Rua Lúcio de Mendonça, 36 B, casa 3.

[A Tania Kaufmann, William Kaufmann  
e Marcia Kaufmann]

Sábado, 7/2/941

Alô, Tania, William e Marcinha:

Fiquei espantada com a vinda de Gessy. Imagino que você, Tania, deve estar se amolando. Mas eu não acho impossível que, quando você voltar, ela também volte.<sup>[14]</sup>

Elisa decerto já falou que Leocádia não veio. Mas tudo está se arranjando. Jantamos na pérola das pensões, que, entre parêntesis, não vale nada. Eu senti um nojo incrível quando um garçom, com cara de assassino, veio me servir e no braço descoberto enxerguei uma tatuagem, um coração, com data e sei lá mais o quê. Mas... pra que estou contando isso? Maluquice pura.

Quanto ao trabalho: fui falar com dr. J. e ele ficou de falar com L. F. Mas no dia seguinte telefonei pedindo que ele abandonasse a ideia, porque eu não ia voltar. Nunca vi tanta necessidade de dar coices como naquele sujeito. Começou por me dizer que eu não era indispensável. Como eu dissesse que desejava voltar às reportagens, disse-me que eu já estava com imposições. Que eu, entrando lá, faria o que fosse preciso. E que, quando eu fosse com ele ao L. F., ia dizer que tivera um incidente comigo, mas que eu queria voltar e como tinha certas qualidades... E, disse-me ele, aconselhava-me a que concordasse com isso como um pai aconselharia... Fez o possível para me botar no meu lugar. E o idiota do Sampaio não me cumprimentou senão depois de longos minutos de observação. Mas o Santos Jr. acha que eu voltarei, porque o J. S. já tinha falado com L. F. Vai se encontrar comigo segunda-feira para me convencer. Será difícil. Lá pra terça-feira terei talvez uma resposta da *Noite*.<sup>[15]</sup> E o Brutus assegurou-me que o lugar é meu, como publicista dos *Comediantes*.<sup>[16]</sup> O que, parece-me, me garantiria uns 800 mensais.



O que mais, querida? Elisa já varreu o quarto dela e mesmo o seu e o de Marsuska. Mas eu ainda não varri o meu e estou me dando tão bem que parece-me descobri o clima ideal... Estou escrevendo ao meio-dia, depois de ter rasgado a carta que tinha escrito ontem e que já estava velha, e ouvindo a “Morte de Isolda”<sup>[17]</sup> que nunca envelhecerá. Pra variar, vou almoçar no Praia Bar.<sup>[18]</sup> Ah, esqueci; vou tomar banho antes...

Escrevam dizendo tudo. Se a Marcia está se dando bem com a comida, se William está gostando e se você, Tania, está cumprindo aquele programa de “aproveitamento integral”. Aqui está fazendo um calor que de tão pontual diariamente, já está ficando chato. Você sabe? Desde que estou namorando o Itamaraty tenho ficado com gosto especial pelas palavras de gíria, bem vulgares... Já comecei a reagir...

William, o homem da geladeira queria lhe mandar uma história de duplicatas pra você assinar. Eu disse a ele que esperasse, que a casa não pega fogo. Assim você se entende diretamente com ele.

Tania, por favor, ensine à Marcia aquela frase assim: o ..... não vale nada.

Um grande abraço pra todos.

Vossa irmã, cunhada, tia que vos abençoa,

Clarice

---

14 Após o falecimento de Pedro Lispector, Clarice e Elisa mudaram-se da Tijuca para o Catete a convite de Tania. Na Vila Saavedra, situada na rua Silveira Martins, 73, casa XI, as três irmãs passaram a morar juntas, acompanhadas de William e Marcia, respectivamente marido e a filha de Tania.

15 Neste período Clarice trabalhava na Agência Nacional, distribuidora de notícias do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas (1930-1945), que cuidava da produção de notícias para os jornais em circulação no país. Sua insatisfação a leva a buscar outro emprego. Ela ingressou no jornal *A Noite* em fevereiro de 1942. Supomos que a abreviatura L.F. corresponda ao diretor do DIP, Lourival Fontes.

16 Brutus Pereira foi um dos fundadores de Os Comediantes, grupo que realizou a primeira encenação de *Vestido de noiva* (1943), de Nelson Rodrigues, sob a direção de Ziembinski, um marco do moderno teatro brasileiro. Os integrantes desta companhia teatral eram amigos do escritor Lúcio Cardoso, principalmente Tomás Santa Rosa,

cenógrafo e autor de capas de diversos livros, tais como *Perto do coração selvagem* e *O lustre*. Lúcio Cardoso era colega de redação de Clarice Lispector na Agência Nacional.

17 Excerto que encerra a ópera *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner. Mostra o lamento de Isolda diante do cadáver do amante, Tristão; são suas últimas palavras antes de morrer.

18 O Praia Bar era localizado no bairro do Flamengo, relativamente próximo à rua em que Clarice morava no Catete. Segundo Rubem Braga, foi Manuel Bandeira quem lhe disse ter encontrado a escritora nesse bairro. O cronista transformou o episódio na bela crônica "O poeta e os olhos da moça" na qual rememora o dia em que Bandeira saiu do Praia Bar e a viu passando na calçada com o noivo (Maury) (Cf. *Perto de Clarice* (catálogo), Casa de Cultura Laura Alvim, 1987).

[A Lúcio Cardoso][19]

Belo Horizonte, 13 de julho de 1941

Hellô, bem

Está tudo direito, agora. Antes de partir falei com aquela pessoa por causa de quem eu me encontrei com V. de noite. Não aludi à carta principal e só falei das outras que vieram com belíssimas flores, morangos e outras coisas.

Houve um momento em que ele me disse: S. está tonto porque V. vai embora. Menti: “certamente entra aí um pouco de álcool. E, nesse caso, eu sempre desculpo.” Não olhei para ele, não quis ver a reação. Voltei para casa triste com a meia perturbação que eu notara. Mas eu me tinha prometido ser outra, não é? Fiquei defronte do espelho e fiz uma cara belíssima: uma mistura de Nicolau Couro de Cobra com a tua Amélia. (Vi tua Amélia no trem; e para o meu desapontamento... ela me sorriu amavelmente. Quem sabe? se você também lhe tivesse dado uma oportunidade...)

Eu pretendia chorar na viagem, porque fico sempre com saudade de mim. Mas felizmente sou um bom animal sadio e dormi muito bem, obrigada. “Deus” me chama a si, quando eu dele preciso.

Quanto ao teu fantasma, procuro-o inutilmente pela cidade. As mulheres daqui são quase todas morenas, baixinhas, de cabelo liso e ar morno. Aliás, quase que só há homens nas ruas. Elas, parece, se recolhem em casa e cumprem seu dever, dando ao mundo uma dúzia de filhos por ano. As pessoas daqui me olham como se eu tivesse vindo direto do Jardim Zoológico. Concordo inteiramente. Para não chamar atenção, estou usando cachinhos na testa e uma voz doce como nem Julieta conheceu.

Que +? Eu tinha vontade de escrever outras coisas. Mas você diria: ela está querendo ser “genial”.

Encontrei uma turma de colegas de Faculdade em excursão



universitária. Meu exílio se tornará + suave, espero. Sabe Lúcio, toda a efervescência que eu causei só veio me dar uma vontade enorme de provar a mim e aos outros que eu sou + do que uma mulher. Eu sei que você não o crê. Mas eu também não o acreditava, julgando o q. tenho feito até hoje. É que eu não sou senão um estado potencial, sentindo que há em mim água fresca, mas sem descobrir onde é a sua fonte.

O.K. Basta de tolices. Tudo isso é muito engraçado. Só que eu não esperava rir da vida. Como boa eslava eu era uma jovem séria, disposta a chorar pela humanidade... (Estou rindo.) Um grande abraço da

Clarice.

P.S. – Hotel Imperador. Pça. Rio Branco, 744-748  
quarto nº 302 – B. Horizonte

P.S. – Esta carta você não precisa “rasgar”...

---

19 Esta é a primeira do conjunto de quinze cartas que Clarice escreve ao escritor Lúcio Cardoso. As três cartas que ele lhe enviou estão publicadas em *Correspondências* (2002). Clarice estava de férias, hospedada no Hotel Imperador, localizado na praça Rio Branco, uma das principais de Belo Horizonte. Na época, ela era aluna do terceiro ano do curso de Direito da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Lúcio Cardoso, por quem era apaixonada, foi mais do que seu colega de trabalho na Agência Nacional, ele se tornou uma espécie de mestre e padrinho literário, acompanhou sua trajetória de perto, leu os originais de *Perto do coração selvagem* e a apresentou a escritores e críticos literários. Na crônica “Lúcio Cardoso” (Cf. TC – *Jornal do Brasil*, 11 de janeiro de 1969, pp. 188-190), ela afirma que ele fora “a pessoa mais importante da minha vida durante a adolescência” (...), “se não houvesse a impossibilidade quem sabe teríamos nos casado”.

[A Maury Gurgel Valente][20]

2/1/42

Alô, bem

Tudo muito poético. Uma chuva enorme me esperando na estação, um carro descoberto pra me conduzir à Fazenda guiado por um belo negro e dois cavalos; uma capa grossíssima, cheirando a cavalo, pra cobrir a jovem viajante. E os solavancos. E a sensação de perigo (quase nenhum, infelizmente) ao atravessar o riozinho. Por um triz – uma aventura! Faltou justamente o carro virar e a donzela cair desmaiada sobre a terra, os loiros cabelos misturados à lama.

Que tolices estou dizendo?

Mal consigo disfarçar a impaciência, essa é a verdade. É preciso sempre desconfiar quando assumo esse sorridente ar infeliz.

Como vai, benzinho? Como vão tuas mãos?

Escreva-me, bem. Quando se trata de apaziguar os outros, transformo-me subitamente numa grande fonte de serenidade. E eu mesma bebo dessa fonte. Estou sendo literária? Juro, faço o possível para mergulhar bem fundo dentro de mim e retirar belas coisas simples.

Ratinho curioso, perdoe essa carta desconexa e insegura. Além disso, prometo escrever à máquina, da próxima vez.

Receba um grande abraço meu, bem.

Clarice

P.S. – Estou com saudade de você.

Fazenda Vila Rica

Avelar – Est. do Rio

---

20 A primeira da série de quatro cartas escritas ao futuro marido, seu colega na faculdade de Direito, revela o início do namoro. A Fazenda Vila Rica ficava localizada em Avelar, município de Paty do Alferes. São municípios limítrofes Miguel Pereira e Petrópolis.



[A Maury Gurgel Valente]

6/1/42

Alô, benzinho

Mandarei imprimir cartões especiais, com cestinhos de flores e anjos rosados, anunciando que sou sua namorada. De acordo? Ou você prefere outro gênero de decoração? Escreva-me, que de qualquer modo isso pode definir você.

Sua carta veio justamente depois de uma noite de quase-insônia, de sonhos malucos e de Huxley.<sup>[21]</sup> Quando a recebi, lia um pedaço sobre as consequências do desejo de ser + do que humano. Ratinho curioso, afinal tuas mãos nas minhas não deixam de ser uma boa dose de humanidade, não é? Ou não basta? Estou hoje tipicamente inquiridora. É um perigo.

Alô, bem. Você imobilizou-se fazendo a barba e eu só consigo imaginá-lo com o sabão no rosto, a Odete, de voz irritante, dizendo pra você tomar banho...

Arranjei uma pequena cascata, algumas montanhas verdes, ótimos vizinhos inexpressivos. Restava-me entoar hinos à paz e repousar. Mas ando de um lado pra outro, dentro de mim, as mãos abandonadas, pronta pra inventar uma tragédia russa, pronta pra criar um motivo que me acorde... horrível. Estou tão vaga, tinha vontade de fazer um embrulho de mim, com papel de seda, lacinho de fita, e mandá-lo pra você. Aceita?

Quanto ao lugar pra você, temo que isso seja difícil, quase impossível. Talvez um pouco + tarde.

Ordens a serem executadas sob prescrição médica: a) informar-se na Faculdade sobre o exame de Civil; b) manter apenas uma conversa séria por semana com o seu colega inteligente e perturbador; c) acreditar que estamos no melhor dos mundos possíveis; d) ser feliz.

## Um grande abraço da namorada

Clarice

---

21 Aldous Huxley (1894-1963), escritor inglês, autor de *Admirável mundo novo* (1931). Pela resposta deduz-se que a leitura que os dois faziam na época era a do romance *Contraponto* (1928), traduzido por Erico Verissimo para a Coleção Nobel da Editora Globo, em 1934. Um sucesso de vendas.

[A Maury Gurgel Valente]

(Sem data, janeiro de 1942)

Existe também... sei lá o quê. Talvez qualquer coisa que valha a pena. Pelo menos pra olhar do ônibus e sorrir.

Ou se não, por que não se entregar ao mundo, mesmo sem compreendê-lo? Individualmente é absurdo procurar a solução. Ela se encontra misturada aos séculos, a todos os homens, a toda a natureza. E até o teu maior ídolo em literatura ou em ciência nada mais fez do que acrescentar cegamente + um dado ao problema.

Outra coisa: o que você, *você individualmente*, faria de especial se não houvesse a ruindade do mundo? A ausência dela seria o ideal para todos os homens, em conjunto: Para um só, não bastaria. Garanto-lhe que sempre haveria a arte de evasão e as preces e as fugas para Bach.<sup>[22]</sup>

Como diria o meu amigo Tasso da Silveira: tudo vem do pecado original...

Alô, bem. Não creio que tenha tocado exatamente no ponto principal. E suponho que esta carta já o encontre em outra disposição e seja inútil, o que ele (*sic*) seria aliás de qualquer modo.

Quanto a mim, estou – O.K. Não consegui no entanto soltar minhas rédeas. Planos, programas, consciência, vigilância. O que vale é que misturada a tudo isso, está a vida que não para.

Um abraço de

Clarice

P.S. – Nunca vi uma alma tão feia quanto a minha letra

---

22 Johann Sebastian Bach (1685-1750), compositor, cravista, professor. Um dos maiores compositores de todos os tempos, era um dos preferidos de Clarice. É citado em



crônicas, romances e na dedicatória de *A hora da estrela*: “dedico-me às cores neutras de Bach.”

[A Lúcio Cardoso]

Vila Rica, 10/1/42<sup>[23]</sup>

Alô, Lúcio

Estou há + de uma semana aqui. Tomei banho numa cascata, já montei “Faísca” e fui mordida por um batalhão de mosquitos. Andei pelos morros, fazendo horríveis reflexões sobre a vida e a morte. Mas ainda não chorei, contrariando os seus prognósticos, – estou “quase”, olho-me ao espelho com tanta dureza e com tanta noção de presente, passado, espaço e tempo, que me envergonho.

E você? E sobretudo Clara? Perdoe o sobretudo. Mas indiretamente saberei assim como você está passando.

Dê um abraço pro Padilha, pro Geraldo. Aos outros, eu escreverei. E também você receba um, bem grande.

Clarice

P.S. – Não se esforce por ser um bom rapaz e não se obrigue a escrever-me. Você tem minha simpatia *quand même*.

Fazenda Vila Rica – Avelar – Estado do Rio.

---

23 Nessa época, Clarice não trabalhava mais na Agência Nacional.

Alô

Ri muito quando li sua carta. Era mesmo de se esperar uma resposta nesse gênero. Mas a verdade é a seguinte: não procurei fazer-me nem enorme nem inteligente. Apenas eu estava precisando pôr em ordem certas coisas que me preocupavam ligeiramente. Estava precisando de uma teoria. Sem querer, propriamente, aproveitei a ocasião e escrevi aquelas tolices que lhe pareceram terrivelmente “feitas” e que no entanto, agravando o caso, foram muito espontâneas.

No entanto, tudo isso servirá para que esclareçamos uns pontos. Quando eu lhe disse que era egoísta, não foi simplesmente por dizer. Eu o sou. E muitas outras coisas, piores ainda. Por isso tenho a impressão de que o jogo continuará unilateral, como você chama. Não só com você, aliás (*sic*). Está esperando demais de mim, suponho. Nunca me vi confiante nem boazinha. Não sei se foram certas circunstâncias de vida que me deixaram assim, sem jeito para me confessar. E orgulhosa (por quê, meu Deus?... estou rindo, não se assuste – nada trágico). E covarde a ponto de não ceder, de não me render, como quer o teu Morgan.

Pode crer: aquela ideia de me mandar num embrulho para alguém, ocorre-me de vez em quando como o ideal, tão cansada eu fico às vezes de estar sempre de pé, segurando eu mesma as minhas rédeas (bem se vê que ando montando). Mas simplesmente como ideal impossível. Estou bastante acostumada a estar só, mesmo junto dos outros. Digo isso sem grande amargura.

Foi nesse sentido apenas que eu lhe disse que era fria como uma estátua. Todas pessoas que gos—<sup>[24]</sup>



---

24 Carta incompleta.

[A Tania Kaufmann]

Fazenda Vila Rica, Estado do Rio, janeiro de 1942

Alô, queridíssima:

Imagine que recebi tuas duas cartas ao mesmo tempo. Uma com o carimbo de 6.

Estou com muita saudade de você. Vou contar tudo direitinho: tem eletricidade que apaga às 10 – mais ou menos. Estou só num quarto, encontrei uma viúva (moça) com uma filhinha, muito simpática, com quem eu tenho me dado. Não escrevi uma linha, o que me perturba o repouso. Eu vivo à espera de inspiração com uma avidez que não dá descanso. Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor. Tenho recebido cartas formidáveis do Maury.<sup>[25]</sup> Houve uma briga entre nós porque ele interpretou como literária uma carta que eu mandei. Você bem sabe que isso é a coisa que mais pode me ofender. Eu quero uma vida – vida e é por isso que desejo fazer um bloco separado da literatura. E além do mais, eu tinha escrito a carta com uma espontaneidade integral. Escrevi interrompendo o nosso caso. Pois recebi imediatamente um telegrama e duas cartas uma em cima da outra. O telegrama com resposta paga. Isso me comoveu e mesmo eu já estava arrependida. Mas, mesmo tendo certa certeza de amor, mesmo tudo, eu continuo querendo mais que todas as coisas a que você sabe.

Estou engordando aos poucos. Mas não demorarei muito. Estou ansiosa por ir ao Rio, escrever uma coisa boa, arranjar um emprego.<sup>[26]</sup>

E você, querida? A carta que você me mandou no envelope pequeno foi tão, tão boa que você não imagina. Felizmente eu tenho você.

Dê um grandessíssimo abraço na Marcinha por mim. Dê muitas lembranças a William, a quem esta não foi endereçada somente porque é de “caráter privado”. Não esqueça de responder logo e ponha dentro a

correspondência que chegou pra mim.

Tua Clarice

P.S. Hoje [...] <sup>[27]</sup> eu ... [...] custei a imaginá-la como mãe. Por que ela perdeu a criança?

P.S. Lembranças a Bertinha.

P.S. Uma mulher botou cartas pra mim <sup>[28]</sup> (me perdoe... só brincadeira) e disse um bocado de coisas boas. Inclusive que Elisa casará. Juro que não acredito, mas é bom...

---

25 Clarice e Maury eram namorados.

26 Clarice estava desempregada, mas logo estaria trabalhando no jornal *A Noite*.

27 N.E.: [...] indica, evidentemente, uma palavra ilegível.

28 A ida à cartomante indica que este hábito vem do tempo de mocidade e a acompanhará até o final da vida, vide suas visitas à Dona Nadir, no Méier, fonte de inspiração para compor Madame Carlota, a cartomante de *A hora da estrela* (1977).



[A Getúlio Vargas][29]

Rio de Janeiro, 3 de junho de 1942

Senhor Presidente Getúlio Vargas:

Quem lhe escreve é uma jornalista, ex-redatora da Agência Nacional (Departamento de Imprensa e Propaganda),<sup>[30]</sup> atualmente n'A *Noite*, acadêmica da Faculdade Nacional de Direito e, casualmente, russa também.

Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo. Que não tem pai nem mãe – o primeiro, assim como as irmãs da signatária, brasileiro naturalizado – e que por isso não se sente de modo algum presa ao país de onde veio, nem sequer por ouvir relatos sobre ele. Que deseja casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros. Que, se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças.

Senhor Presidente. Não pretendo afirmar que tenho prestado grandes serviços à Nação – requisito que poderia alegar para ter direito de pedir a V. Ex.<sup>a</sup> a dispensa de um ano de prazo, necessário a minha naturalização. Sou jovem e, salvo em ato de heroísmo, não poderia ter servido ao Brasil senão fragilmente. Demonstrei minha ligação com esta terra e meu desejo de servi-la, cooperando com o DIP, por meio de reportagens e artigos, distribuídos aos jornais do Rio e dos estados, na divulgação e na propaganda do governo de V. Ex.<sup>a</sup> E, de um modo geral, trabalhando na imprensa diária, o grande elemento de aproximação entre governo e povo.

Como jornalista, tomei parte em comemorações das grandes datas nacionais, participei da inauguração de inúmeras obras iniciadas por V.

Ex.<sup>a</sup>, e estive mesmo ao lado de V Ex.<sup>a</sup> mais de uma vez, sendo que a última em 1º de maio de 1941, Dia do Trabalho.

Se trago a V. Ex.<sup>a</sup> o resumo dos meus trabalhos jornalísticos não é para pedir-lhe, como recompensa, o direito de ser brasileira. Prestei esses serviços espontânea e naturalmente, e nem poderia deixar de executá-los. Se neles falo é para atestar que já sou brasileira.

Posso apresentar provas materiais de tudo o que afirmo. Infelizmente, o que não posso provar materialmente – e que, no entanto, é o que mais importa – é que tudo que fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil.

Senhor Presidente. Tomo a liberdade de solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> a dispensa do prazo de um ano, que se deve seguir ao processo que atualmente transita pelo Ministério da Justiça, com todos os requisitos satisfeitos. Poderei trabalhar, formar-me, fazer os indispensáveis projetos para o futuro, com segurança e estabilidade. A assinatura de V. Ex.<sup>a</sup> tornará de direito uma situação de fato. Creia-me, Senhor Presidente, ela alargará minha vida. E um dia saberei provar que não a usei inutilmente.

Clarice Lispector

---

29 Carta publicada originalmente em *Eu sou uma pergunta* (Rocco, 1999), de Teresa Montero.

30 A sede da Agência Nacional era no prédio da atual Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), na avenida Primeiro de Março. Para acelerar os trâmites de seu processo de naturalização, Clarice escreve a carta ao presidente da República. O pedido só foi concedido em 12 de janeiro de 1943, dias antes de expirar o prazo determinado.